

ATILA, O LANÇADOR DE ALERTAS: CONSTITUIÇÃO DA COVID-19 COMO PROBLEMA PÚBLICO NO BRASIL

V. DE C. ALCÂNTARA¹, A. P. L. DE SOUZA², J. N. DA SILVA³, A. C. CAMPOS⁴

Universidade do Estado de Minas Gerais¹, Centro Universitário do Sul de Minas², Universidade Federal de Lavras^{3,4}

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-6698-0609>¹

valderidecastroalcantara@gmail.com¹

Submetido 25/11/2020 - Aceito 04/05/2021

DOI: 10.15628/holos.2021.11603

RESUMO

O objetivo da pesquisa foi descrever de que forma um alerta sobre a gravidade da COVID-19 teve ressonância, performando controvérsias no Brasil. Elegemos o alerta de um especialista, o pesquisador Atila Iamarino. A coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa documental, a partir de dados disponibilizados na internet, em vídeos do YouTube, reportagens e textos em revistas, como

indica Venturini (2012), para cartografia com dados digitais. Mostramos de que maneira o alerta público de Atila Iamarino adquiriu ressonância, a partir da sua argumentação de que a COVID-19 era um risco, sendo necessária a medida do isolamento social. Isso permitiu que o alerta fosse compreendido e levado a sério, quando seus argumentos ascenderam em generalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Alertas Públicos, Epidemia, Rede de Atores, Coronavírus.

ATILA, THE ALERT LAUNCHER: CONSTITUTION OF COVID-19 AS A PUBLIC PROBLEM IN BRAZIL

ABSTRACT

The objective of the research was to describe how an alert about the seriousness of COVID-19 had resonance, performing controversies in Brazil. We elected the alert of a specialist, the researcher Atila Iamarino. Data collection was carried out by means of documentary research, based on data made available on the internet, on YouTube videos, reports and texts in magazines, as

indicated by Venturini (2012), for cartography with digital data. We show how Atila Iamarino's public alert acquired resonance, based on her argument that COVID-19 was a risk, requiring a measure of social isolation. This allowed the alert to be understood and taken seriously, when its arguments generally rose.

KEYWORDS: Public Alerts, Epidemic, Actors Network, Coronavirus..



1 INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, um surto de uma nova doença foi relatado na província de Hubei, na China. Apesar de aparentar sintomas semelhantes ao vírus influenza, este novo vírus rapidamente apresentou aspectos preocupantes, tais como o alto nível de contágio, o desenvolvimento rápido de insuficiência respiratória e pneumonia, o que levou as autoridades ao alerta da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre o aumento significativo de contaminados. Tendo como epicentro a cidade de Wuhan, na China, o que aparentemente se tratava de casos pontuais havia se transformado em uma séria epidemia no território chinês, tornando necessário o fechamento das atividades do mercado de frutos do mar de Wuhan, acreditando-se que os animais ali contidos poderiam ser a origem do vírus (Kucharski et al., 2020; Williams, 2020).

No início de janeiro de 2020, os casos de contaminação cresceram exponencialmente na China e as autoridades chinesas detectaram que se tratava de uma nova ramificação do coronavírus, mesmo vírus responsável por enfermidades como Sars-Cov e Mers-Cov (OMS, 2020; Kucharski et al., 2020). Em seguida, Tailândia e Japão notificaram seus primeiros casos. Todavia, nenhum dos pacientes havia visitado o mercado da cidade de Wuhan, o que aumentou as suspeitas de que o vírus era transmitido de pessoa para pessoa, o que, posteriormente, foi confirmado pelas autoridades médicas (Brasil, 2020a; 2020b).

Em 30 de janeiro, cerca de um mês após a China identificar o vírus e tornar pública a sua situação, a OMS declarou que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19, do inglês *Coronavirus Disease 2019*) constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (OMS, 2020; Kucharski et al., 2020). Foi emitido avisos para que países tomassem maiores precauções com a COVID-19, tendo em vista a notificação de casos de pacientes contaminados em países de diversos continentes como Estados Unidos, Alemanha, Taiwan etc. Restrições de isolamento foram tomadas em toda a China e os casos de pessoas contaminadas aumentou drasticamente no mês de fevereiro, levando à caracterização pela OMS, em 11 de março de 2020, da COVID-19 como uma pandemia (OMS, 2020).

Apesar da gravidade da doença já detectada, foi somente com o aumento no número de casos de contaminações do coronavírus na Europa que a maioria dos países passou a se preocupar efetivamente com a doença. Inicialmente, a Itália e os Estados Unidos tornaram-se locais em que as mortes aumentaram drasticamente. Os sistemas de saúde de várias partes do globo entraram em colapso, devido ao agravamento de pessoas com crises respiratórias e pneumonia, que precisavam de tratamento hospitalar. A intensidade do quadro foi agravada, muito provavelmente, por consequência da demora de uma resposta rápida e efetiva de isolamento (OMS, 2020; Kucharski et al., 2020)

No Brasil, de acordo com o Ministério da Saúde (Brasil, 2020a; 2020b), o primeiro caso confirmado foi em 26 de fevereiro, de um homem de 61 anos que viajou à Itália. Atualmente, segundo dados do Ministério da Saúde, divulgados até o dia 14 de abril de 2021, o país conta com mais de 351 mil mortes provocadas pela COVID-19 e mais de 13,4 milhões de casos confirmados da doença. De forma contraditória, autoridades nacionais ainda insistem em subestimar a doença,



apesar de todos os alertas da OMS. Estima-se que o país ainda não alcançou seu pico de contágio e que, se medidas de isolamento mais assertivas não forem tomadas e mantidas, o número de contaminados e consequentemente de mortos continuará a aumentar. O coronavírus arrasta consigo também uma das maiores crises econômicas já vividas na atualidade, pois as medidas de isolamento social provocaram o fechamento de inúmeras empresas e um elevado número de desemprego. Somado a isso, crises políticas têm se tornado mais um agravante para a superação da doença.

Antes da COVID-19, alertas já foram postas, principalmente, a partir da segunda metade do século XX. Beck (1992), ao tratar da sociedade de risco, demonstrou como a sociedade modificou a sua forma de compreender, inclusive, os riscos ambientais. Chateauraynaud e Torny (1999, p. 17) mostraram que, no final do século, houve uma “reconfiguração do controle público das novas situações de alertas sanitários”. Hirschfeld (2020) argumenta que as várias crises internacionais recentes da saúde revelaram vulnerabilidades significativas frente a uma pandemia global. A pesquisa de Hirschfeld (2020) mostrou que as autoridades globais de saúde falharam em prever a magnitude desses surtos. Laurie Garrett, ganhadora do prêmio Pulitzer de jornalismo, já havia previsto a urgência e gravidade do possível surgimento de patógenos, cada vez mais contagiosos, conforme lembram Clark e Eddy (2017). Esses trabalhos mencionados podem ser compreendidos como alertas ao que se sucederia em 2020.

No Brasil, o coronavírus começou a ser noticiado com mais frequência em fevereiro de 2020. Do dia 26 de fevereiro, data do primeiro caso, até o falecimento da primeira vítima, no dia 16 de março, parte da população e as autoridades políticas se mostraram pouco preocupados com a questão: a COVID-19 não se constituiu inicialmente como um problema público no Brasil, não sendo devidamente tematizada. De acordo com Duarte (2020), mesmo morrendo mais de mil pessoas por dia, o governo brasileiro não tomou providências efetivas. Com isso, o número de mortos cresceu assustadoramente. Após mais de um ano de pandemia, é possível notar como sempre foi fundamental adotar medidas que pudessem colaborar com a redução dos riscos, havendo a difusão por meio de revistas científicas e da mídia em geral, com o intuito de atingir toda a população (Silva, 2020). Por fim, sabemos que, no processo de construção de problemas públicos, os alertas são fundamentais. Esse parece ser o caso da COVID-19 no Brasil.

Um dos alertas que mais repercutiu no Brasil foi o do biólogo e pesquisador brasileiro, Atila Iamarino, em especial, o alerta lançado em uma *live* no dia 20 de março de 2020, com a chamada: “Live de 20/03 – O que o Brasil precisa fazer nos próximos dias #FiqueEmCasa”. Nesse contexto, a questão de pesquisa do presente artigo é: como o alerta lançada pelo pesquisador Atila Iamarino contribuiu para a publicização da COVID-19 e para que a medida do isolamento social fosse tomada?

A partir do apresentado, o objetivo da pesquisa foi descrever de que forma um alerta sobre a gravidade da COVID-19 teve ressonância, performando controvérsias no Brasil. Para tanto, seguimos os argumentos nos campos de forças em torno de um especialista, o professor Atila Iamarino. O artigo está estruturado em 5 seções. Na seção 2, apresentamos brevemente a temática do problema público e dos alertas. Na seção 3, os caminhos metodológicos, com a descrição dos



procedimentos de pesquisa. Na seção 4, apresentamos os resultados e a discussão. Por fim, na seção 5, as considerações finais, limitações e futuras pesquisas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Construção de Problemas Públicos

O debate construtivista sobre problemas públicos, presente na década de 1970 e 1980, foi ressignificado nas pesquisas sobre arenas públicas e construção de problemas públicos, especialmente, em Cefai (2009; 2017a; 2017b), que procurou inspirações no filósofo John Dewey. Cefai (2009) discute a sociologia das mobilizações coletivas, partindo da sociologia pragmatista francesa e do pragmatismo americano. Ele destaca quatro elementos centrais desse entendimento: “[...] 1) O desenvolvimento de uma sociologia dos regimes de ação [...]; 2) A reativação da noção de ‘público’; 3) A concepção das redes e das organizações como arenas de experiência e de ação; 4) [...] uma concepção centrada na formação de experiências individuais e coletivas” (Cefai, 2009, p. 11). Isso leva a uma perspectiva em que públicos e problemas se constituem mutuamente a partir de diferentes performances: a “[...] dinâmica coletiva faz emergir ao mesmo tempo um problema e seu público” (Cefai, 2017a, p. 188). Isso ocorre em locais de disputas denominados de arenas públicas.

Além dos conflitos (uma definição de um problema é sempre conflitiva), cooperação, comunicação e associação são importantes para Dewey (1927). Por meio desses processos, ocorre a publicização das questões problemáticas e outros atores (não concernidos diretamente), podem adotar o ponto de vista do público que se forma (o “outro generalizado” de George Hubert Mead). Ao incluir pessoas, para além de um círculo restrito ao problema, vai se formando uma comunidade de experiência. Tem-se, dessa forma, uma arena pública na luta pela definição de um problema. Cefai (2017a) alerta que, em torno do problema e de sua constituição, não há um espaço de consenso. Portanto, “esse esforço de problematização e publicização nada tem de unânime. Ao contrário, o público se forma e cresce na contestação, quando já não há consenso nem consentimento” (Cefai, 2017a, p. 198).

Os trabalhos de Cefai (2017a; 2017b) destacam a importância das pesquisas etnográficas, por sua vez, Chateauraynaud (2017) amplia com o estudo das argumentações e das controvérsias de longo alcance. Os estudos de Torny e Chateauraynaud (1999) e Chateauraynaud (2017) têm um olhar para o “[...] desdobramento temporal do constante movimento de remodelamento dos problemas públicos a partir do trânsito dos atores por diferentes registros de argumentação” (Mello, 2019, p. 166). Nesse âmbito, o estudo do alerta e do risco é fundamental para entender a forma por meio da qual a COVID-19 foi transformada em um problema público de alta relevância e conflituosidade.

2.2 Alertas

Na definição de um problema público são fundamentais os lançadores de alerta (*lanceur d’alerte*). São aqueles que trazem ao debate os problemas, para que adquiram relevância. Os



lançadores de alerta os que promovem performances, para que sejam ouvidos por outros atores, de forma que o problema ganhe contorno e dimensão. Torny e Chateauraynaud (1999) discutem como eventos que ainda não ocorreram se constituem em problema – eventos representados pelos alertas e riscos. Por isso, questão que preocupa é: “[...] como os atores são capazes de produzir a facticidade de eventos que, embora eles afirmem a necessidade de uma ação presente, só ocorrerão no futuro” (Corrêa, 2014, p. 54). Nesse contexto, Torny e Chateauraynaud (1999, p. 15) apresentam a figura dos lançadores e a relevância da descrição dos atos, pelos quais eles buscam tornar visível o risco, para que seja avaliado por “responsáveis administrativos, cientistas, redes de vigilância de epidemiologias, mídia, representantes eleitos”.

Diversos acontecimentos históricos mudaram a dinâmica dos alertas, a partir da constituição de um tipo de consenso que reconfigurou a forma com que o poder público lida com diversas situações que digam respeito a problemas sanitários.

Depois da multiplicação dos *affaires*, de Tchernobyl à crise da vaca louca, da contaminação da transfusão de sangue aos hormônios de crescimento ou à hepatite B, do amianto aos dejetos de dioxina, se forma um tipo de consenso sobre a necessidade de reconfiguração do controle público das novas situações de alertas sanitários [...]. Se não se pode mais tudo prever, impõe-se a ideia de que se pode ser vigilante e acompanhar os processos de modo a fazer face às inevitáveis ‘surpresas’, ‘revelações’ e outros ‘elementos novos’ (Chateauraynaud & Torny, 1999, p. 17).

Tais alertas necessitam passar por diversas provas, para que sejam recebidas publicamente. Para a efetiva constituição de um problema público, que mereça debate nas arenas, é necessário, primeiro, que os alertas tenham sido testados e que essas denúncias sejam devidamente recebidas pelo público. É o que é trazido por Mello (2019), ao lembrar que essa perspectiva busca descrever o que fazem os atores diante de indicações de uma ameaça ou risco em grande escala, em destaque quando se tratam de questões socioambientais.

Em sentido semelhante, Chateauraynaud (2017) diz que o alerta depende de uma produção coletiva, isto é, de uma rede de atores que elaboram a pertinência da informação. Por isso, uma das condições de sucesso do alerta se relaciona com a “arte da insistência”, que por vezes é realizada por meio de atos que são julgados como exagerados, alarmistas e apocalípticos.

O sucesso de um alerta, mesmo de aparência puramente técnica, reside sempre no estado de relações de poder entre os múltiplos atores que asseguram uma distribuição mínima de poderes, de saberes, de procedimentos e de competências. Atualmente, pode-se dizer que em matéria ambiental os instrumentos de vigilância, os canais de informação, as arenas de discussão, as disposições legais e regulamentares, e os contrapoderes necessários estão bastante desenvolvidos, de modo que a lenta difusão de advertências – operada com esforço por atores críticos – acabou por se transformar numa forma de saturação do espaço de comunicação pública ocupado por termos de ordem contínuos, incorrendo assim no risco contrário, tematizado pelos próprios atores, de uma verdadeira ilegitimidade de urgências e de prioridades! (Chateauraynaud, 2017, p. 22-23).

Chateauraynaud e Torny (1999) investigam, nesse ínterim, em que condições anúncios se tornam riscos efetivos – em especial, aqueles que envolvem a saúde pública. Um risco, mesmo que disseminado, pode não ser levado a sério: “[...] é necessária a existência de dispositivos e critérios



confiáveis capazes de discernir e diferenciar os alertas que apontam para acontecimentos e riscos concretos, reais e efetivos, daqueles despropositados, artificiais e irrelevantes” (Corrêa, 2014, p. 55). Por isso, o entendimento dos alertas ganha relevância com o estudo das controvérsias, em especial, das fases discutidas por Chateauraynaud (2017), a saber: “[...] primeiro, à emergência da perturbação, que se inicia no ato de vigilância, passa pelo lançamento de um alerta, pela controvérsia técnica, pela polêmica, pela crise e vai até a sua normalização” (Corrêa, 2014, p. 56).

Finalmente, importante discutir que a produção de um alerta é, simultaneamente, uma questão de natureza perceptiva e ética (Mello, 2019), como ficará claro nas seções posteriores, quando descreveremos a forma pela qual o enfrentamento à COVID-19 se constituiu em um problema público, em especial, por meio do lançamento de alertas do pesquisador Atila Iamarino que deu dimensionamento à necessidade do estabelecimento de isolamento social.

3 METODOLOGIA

No caso dos alertas de material ambiental, a metodologia indicada é o processo de “seguir os atores” (Latour, 2012). A proposta de Chateauraynaud (2017) traz de volta a importância de compreender como os processos de alerta são levados em conta ou não. É importante “observar como nascem, evoluem, se deslocam, permanecem ou desaparecem os argumentos nos campos de forças” (Chateauraynaud, 2017, p. 32). Analisar a controvérsia da COVID-19, a partir do lançamento de alertas pelo pesquisador Atila Iamarino, torna-se, nesse contexto, particularmente propício para a constituição da COVID-19 como um problema público, que adquire cada vez mais relevância.

Neste estudo, a coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa documental, a partir de dados disponibilizados na internet, em vídeos do YouTube, reportagens, textos em revistas, entre outros (Quadro 1), como indica Venturini (2012), para cartografias com dados digitais.

Tabela 1: Dados da pesquisa

Fonte	Acesso (Fonte)
Material Principal	
Live de 20/03 - O que o Brasil precisa fazer nos próximos dias #FiqueEmCasa (20/03/2020)	https://www.youtube.com/watch?v=zF2pXXJIAGM
Roda Viva Atila Iamarino (30/03/2020)	https://www.youtube.com/watch?v=s00BzYazxvU&t=698s
Live - O Lockdown vem aí #FiqueEmCasa (03/05/2020)	https://www.youtube.com/watch?v=gs-HlvC5iJc
Dados Complementares	
Atila Iamarino @oatila (Twitter)	https://twitter.com/oatila
Parem de compartilhar o vídeo do Átila sobre o Corona! Parem com a histeria! (22-03-2020)	https://www.youtube.com/watch?v=KQrxRiG2ObQ
Átila Iamarino tem razão??? (23-03-2020)	https://www.youtube.com/watch?v=gIUSTRgUkng
Dá milhão, Justus? (25-03-2020)	https://www.youtube.com/watch?v=QzsSNnwQ5Ck
Átila Iamarino, o irresponsável (27-03-2020)	https://www.youtube.com/watch?v=SsTsoGP3w5g
No Roda Viva, especialista em vírus critica Bolsonaro e diz que ele vai contra o que o mundo inteiro está fazendo (30-03-2020)	https://revistaforum.com.br/noticias/no-roda-viva-especialista-em-virus-critica-bolsonaro-e-diz-que-ele-vai-contra-o-que-o-mundo-inteiro-esta-fazendo/



Por até dois anos, vamos ter de alternar períodos de abertura e quarentenas, diz Atila Iamarino (03-04-2020)	https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/por-ate-dois-teremos-de-alternar-periodos-de-abertura-e-novas-quarentenas-diz-atila-iamarino.shtml
Biólogo e youtuber Atila Iamarino estreia coluna na Folha (08-04-2020)	https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/biologo-e-youtuber-atila-iamarino-estrea-coluna-na-folha.shtml
Novo estudo contesta previsões sobre mortes pela Covid-19 no Brasil (17-04-2020)	https://investnews.com.br/cafeina/novo-estudo-contesta-previsoes-sobre-mortes-pela-covid-19-no-brasil/
Devemos nos preparar para outras pandemias (23-04-2020)	https://exame.com/ciencia/devemos-nos-preparar-para-outras-pandemias-diz-pesquisador-atila-iamarino/
Ulrich e Bolsonaro x Átila e Drauzio: O que fazer na crise do Coronavírus? (24-03-2020)	https://cointimes.com.br/ulrich-e-bolsonaro-x-atila-e-drauzio-o-que-fazer-na-crise-do-coronavirus/
Quem é Atila Iamarino e por que você deveria assisti-lo (24-03-2020)	https://www.huffpostbrasil.com/entry/atila-iamarino-coronavirus_br_5e795bf5c5b63c3b6495eca0
Moro, Átila Iamarino e 11 ministros serão convocados por comissão do Congresso (30-04-2020)	https://www.otempo.com.br/politica/minas-na-esplanada/moro-atila-iamarino-e-11-ministros-serao-convocados-por-comissao-do-congresso-1.2331561
Atila Iamarino e o terrorismo do 'fica em casa' (07/05/2020)	https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/20363/atila-iamarino-e-o-terrorismo-do-fica-em-casa-veja-o-video
"Fui otimista", diz Atila Iamarino sobre previsão de 1 milhão de mortes por Covid-19 ao analisar novo estudo (08/05/2020)	https://revistaforum.com.br/coronavirus/fui-otimista-diz-atila-iamarino-sobre-previsao-de-1-milhao-de-mortes-por-covid-19-ao-analisar-novo-estudo/
Coronavírus: como Samy Dana promoveu um estudo desastrado usado para defender o fim do isolamento (09-05-2020)	https://theintercept.com/2020/05/10/coronavirus-estudo-samy-dana/
Quando o sucesso cultiva o fracasso (18-05-2020)	https://www1.folha.uol.com.br/colunas/atila-iamarino/2020/05/quando-o-sucesso-cultiva-o-fracasso.shtml

Fonte: Elaborado pelos autores.

O colapso do sistema de saúde já é um fato em algumas regiões do país e, ainda assim, medidas como o isolamento social seguem sob ataque, sendo causa de novas controvérsias. Torna-se interessante o uso da cartografia de controvérsias para descrever a COVID-19, especialmente porque se trata de metodologia indicada para estudo de casos em que estão presentes "controvérsias quentes" (Venturini, 2012), possibilitando boas descrições e observações.

As controvérsias, lidas a partir da cartografia digital, mostram o momento em que a sociabilidade se fabrica, condizente à sociologia de Gabriel Tarde (1999), justamente porque esse é o momento em que a vida coletiva se realiza, quando se fazem as agências e as traduções, antes da estabilização (Lemos, 2013). Descrever especificamente de que maneira o alerta público sobre a gravidade da COVID-19 teve ressonância, performando controvérsias, torna-se um terreno fértil de estudo, particularmente interessante para a compreensão dos campos de forças em torno do Coronavírus. Nesse processo, foram consideradas, ainda, respostas às questões colocadas por Chateauraynaud (2017), a saber: Qual é o alvo pretendido pelo alerta? Em qual meio se insere o seu lançador? Quais forças e alianças mobilizadas? A qual tipo de controvérsia está relacionado? O lançador dará continuidade ao seu alerta?



4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O lançador de alerta e seu alerta

Atila Iamarino se tornou, atualmente, uma figura de alta relevância no debate público em torno da COVID-19. Com pós-doutorado pela Universidade de São Paulo e pela Yale University, doutorado em Microbiologia e formação em Biologia, pelo Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (USP), notabilizou-se pelo trabalho como divulgador científico no canal do YouTube “Nerdologia”, alcançando um público de mais de 3 milhões de inscritos. Também integra como colaborador eventual o portal “Jovem Nerd”, especializado na criação de conteúdos digitais, como vídeos para o YouTube e podcast.

Apesar de já conhecido no ramo de comunicação e de divulgação científica, com boa audiência anterior ao Coronavírus, foi no contexto da pandemia mundial que o seu canal pessoal do YouTube adquiriu grande proporção e relevância. Passou a fazer *lives* semanais sobre a COVID-19, sustentando a necessidade de medidas urgentes de enfrentamento, que foram objeto de variadas controvérsias públicas, em especial, o isolamento social. Fazendo alertas sobre a gravidade da COVID-19 e tendo encontrado ressonância nas arenas públicas, foi convidado como o entrevistado da semana no programa Roda Viva, da TV Cultura, em 30 de março de 2020.

Identificamos que o lançamento do alerta com maior ressonância, por parte de Atila Iamarino, deu-se, primeiramente, através da *live* do dia 20 de março, com o título “O que o Brasil precisa fazer nos próximos dias #FiqueEmCasa”, realizada por meio de falas e performances que podem ser consideradas alarmistas, o que, como visto nas seções anteriores, corrobora para a eficácia do alerta (Chateauraynaud, 2017). Foi nesse dia que Atila Iamarino exigiu de forma contundente ações por parte do Estado no sentido de “parar” o país, apresentando um cenário alarmante, caso isso não fosse feito.

Atila estudou virologia no seu doutoramento em Microbiologia, dedicado à análise específica de como os vírus evoluem e se espalham pelo mundo, tomando como objeto os casos do HIV, do Ebola e do Zika vírus. No pós-doutoramento na USP e em Yale, continuou estudando como os vírus se espalham, o que lhe deu as credenciais para o que seria falado durante a *live*, deixando, inclusive, o *link* para o seu currículo lattes na descrição do vídeo do YouTube, reforçando seu “argumento de autoridade”, para eventual checagem das publicações por parte de um espectador desconfiado (1:41). Nesse caso, o denunciante busca dar ao alerta um caráter científico, técnico e objetivo (Chateauraynaud, 2017).

Logo no início, Atila informou que a conversa era “bastante séria” (0:08), criando, de forma performática, o território para o que seria dito depois. Usando a estratégia discursiva de criação de tensão, de suspense e de curiosidade, informou que, caso a pessoa que estivesse assistindo fosse ansiosa ou muito preocupada, deveria pulá-la (0:20); acrescenta que desativou o *chat*, pois a conversa era “papo reto”, “com números reais” (0:44). Nesse ponto, recorrer a números é uma forma de fundamentar um alerta (Figura 1). Afinal, nos alertas os atores procuram produzir fatos tangíveis (Chateauraynaud & Torny, 1999).



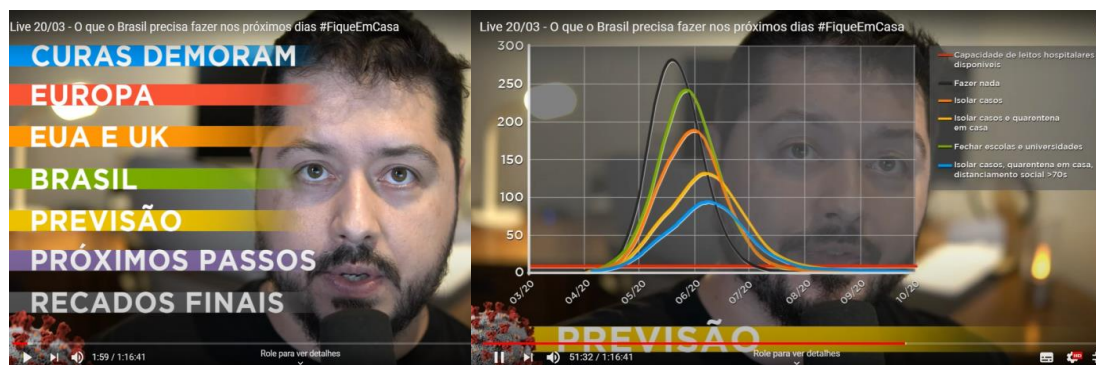


Figura 1: Imagens da *live* de 20/03 “O que o Brasil precisa fazer nos próximos dias #FiqueEmCasa”

Fonte: Pesquisa documental.

Atila informou que o cenário para o enfrentamento do novo Coronavírus era bastante grave, tendo em vista que, nos próximos meses, dificilmente haveria um tratamento efetivo ou o desenvolvimento da vacina. Para ele a única forma de enfrentamento atual é mediante distanciamento social, nas suas palavras, “o que a gente pode fazer é não pegar ele” (10:18).

Segundo ele, já em abril, ocorreria o colapso do sistema de saúde no Brasil (10:49). Tomando como paradigma o caso da Itália que, naquela ocasião, estava registrando 600 (seiscentos) mortes por dia, disse que ainda não se sabia qual o teto de mortes, até onde ele tenderia a subir (17:00). É nesse momento que Atila inaugurou o ponto central de seu alerta: era preciso adotar o isolamento social, informando a necessidade de parar o país; caso contrário, o cenário seria tanto mais catastrófico “quanto mais a gente demora para parar um país, quanto mais a gente demora para fazer a única coisa que a China, país que teve o primeiro caso fez, que é parar” (17:20).

Informou que, no dia da *live*, existiam 744 (setecentos e quarenta e quatro) casos da COVID-19, mas que já existia transmissão localizada, não podendo depender de testes de coronavírus positivos, pois “esse resultado, quando vier, essa pessoa já está doente e internada no hospital” (24:48). Atila comunicou, de forma bastante categórica, que “a circulação de pessoas precisa parar” (33:44), pois grande parte das pessoas que contraem o vírus precisam de internação. Para o entendimento do alerta lançado por Atila, quanto à necessidade de isolamento social, ele reclama que, apesar da construção de hospitais de campanha nos estádios, com a preparação para o pior, ainda “não temos empresas parando, trabalhos parando e todo mundo poderia estar em casa dispensado” (33:00). Reitera que “a nossa vida já não é mais a mesma” (34:00).

Então, já começa a ingressar na temática central da *live*, que é para mostrar “um cenário do que pode acontecer com o Brasil a partir das ações do país para contenção do vírus”. Informa que “o potencial de pessoas infectadas com gripe por ano é relativamente baixo todo ano”, enquanto que “o potencial de pessoas infectáveis pelo coronavírus é de 100% da população, porque ninguém pegou esse vírus até hoje” (45:43).

Em tom bastante alarmista, disse que “se o Brasil só adotar medidas de mitigação em que se restringe a circulação em alguns lugares, fecha algumas coisas, mas não adota um cenário completo, o que vemos pela frente é 1 (um) milhão de pessoas mortas” (58:27). Esse foi o alerta

lançado por Atila Iamarino: a necessidade de medidas mais severas na restrição de circulação de pessoas o que seria ainda mais reforçado nas próximas *lives*. Segundo ele, se o Brasil continuasse agindo da mesma forma, “se seguirmos o cenário de mitigação, podemos ter aí 1 (um) milhão de mortos”, mas, caso sejam tomadas medidas mais sérias de isolamento social, a tendência é “ter alguns milhares de mortes, mas conseguimos manter o sistema de saúde funcionando e as pessoas com o mínimo de vida dignas, apesar de estarem confinadas em casa” (1:00:10).

Na conclusão da *live*, na primeira pessoa do plural, informou que ainda podemos agir e que já aprendemos que a “melhor ação”, a única coisa que “a gente sabe que funciona”, são as medidas de isolamento e distanciamento social. Finalizou com o pedido para que “não leve a sério curas, tratamentos”, pois este “ainda pode vir lá na frente e vai ajudar muito a humanidade, mas a essa altura, nesse momento, a melhor coisa é não sair de casa” (1:11:49).

4.2 Ascendendo à generalidade: entrevista no programa Roda Viva

Como visto no item anterior, na *live* do dia 20 de março, Atila Iamarino defendeu de forma muito contundente a tomada de sérias medidas de isolamento e de distanciamento social, objeto de variadas controvérsias. Utilizou de tom alarmista e do seu argumento de autoridade, como estudioso de propagação de vírus ao longo do mundo, para afirmar que, caso as medidas de isolamento não fossem tomadas, haveria um número muito grande de mortos no Brasil até o final de 2020. Segundo ele, mesmo no caso de *lockdown*, haverá alguns “milhares de mortes”, permanecendo, contudo, a sustentabilidade do sistema de saúde.

Essa foi a *live* mais visualizada do canal de Atila Iamarino e influenciou o cenário do que se desdobrou depois, pois, após a *live*, grande parte dos municípios e estados brasileiros, mesmo sem uma central definição por parte do poder público federal, passou a adotar medidas mais sérias e restritivas de isolamento social horizontal, com a adoção de *home office* e fechamento de espaços públicos, tais como praças e parques. A visibilidade de Atila Iamarino passou a ser tamanha que, na sequência dessa *live*, foi convidado como entrevistado da semana no programa da TV Cultura, Roda Viva, em 30 de março de 2020.

De início, Atila foi indagado pela apresentadora do programa, a jornalista Vera Magalhães, sobre em qual modelo ele se baseou para prever 1 milhão de mortes (3:46) e se, após essa informação na *live*, acredita que foram tomadas providências que tiraram o Brasil da “zona quase apocalíptica” anunciada. Atila disse que existiam duas coisas que estavam em descrédito e que era bom, nesse momento, renovar a confiança nelas, que são a imprensa e a ciência. Informa que a previsão epidemiológica apresentada era a do Imperial College, um grupo de epidemiologia com mais de cinquenta membros mundiais, que informa previsões científicas à OMS e alguns países. A previsão foi uma resposta ao governo inglês, sobre o que aconteceria se a Inglaterra não parasse, dada a mortalidade de, no mínimo, 1% (um por cento) da população. Considerando isso, fez uma extrapolação grosseira para o Brasil, caso as medidas de contenção não fossem tomadas.

Atila informou que um dos grandes problemas da COVID-19 é o colapso do sistema de saúde, já que a maior parte dos infectados tem que ser hospitalizada. Segundo ele, “têm pessoas que morrem da doença e pessoas que morrem porque o sistema de saúde não dá conta de atender



qualquer outra coisa” (7:21). Quanto aos dados do Imperial College, informa que o que o assustou não foram os números de mortos, mas, especialmente, a velocidade com que isso acontece (8:17). Apesar de possíveis erros de grandeza decimal, o tempo para isso acontecer é de março a agosto e “o intervalo que temos para agir é muito curto, e essa é a grande urgência” (8:30).

Sobre a eficácia de seu alerta emitido na *live*, constatou que “até então o Brasil não estava tomando medida alguma, felizmente em questão de dias a maioria dos estados, agora todos, entraram em quarentena”. Deixando claro saber que seu alerta acelerou, nas arenas públicas, o debate sobre a necessidade de isolamento, informou que o “intervalo de ação era esse mesmo, uma ou duas semanas mais pra frente, representa lá depois algumas dezenas ou centenas de milhares de pessoas que não precisavam ser perdidas por causa disso” (8:56).

Atila disse acreditar que o mundo só está passando por isso porque menosprezou o que a China fez (10:23). Tendo trabalhado usando a Sars, de 2003, como modelo epidemiológico, observou que a China levou a sério o problema. Tanto ela quanto Cingapura, que passaram pela Sars, assim como a Coreia do Sul, com a Mers, foram os países que responderam de forma mais rápida e eficaz ao problema. A fim de detectar uma doença respiratória tão cedo, como a China fez, é necessário ter um sistema de vigilância enorme (11:45), com respostas sérias e iniciais, tendo parado Wuhan antes de alcançar 100 (cem) casos (12:13), seriedade essa que nenhum país do mundo teve condições de oferecer, sendo esperado que o estrago em outros locais fosse, naturalmente, maior (13:06). Atila informou que, em qualquer cenário, de imediato, o que deveria estar sendo feito é o que a Coreia estava fazendo, “que é testar todo mundo sem parar” (17:57). O mínimo esperado era um detalhamento por cidades, com resolução espacial e temporal, dado o potencial de focos em cada uma delas (21:38).

Para pautar decisões político-sanitaristas, o governo deveria se basear no “pior cenário” (23:35), ressaltando que “o maior fator que importa em qualquer canto é o fator tempo, quando agir e o intervalo de que temos para atacar, que é curto” (25:50). No Brasil, observa o agravante da pobreza, com maior índice de diabetes e hipertensão, além da problemática de ainda não haver previsão epidemiológica do espalhamento do vírus nas favelas (24:33). Indagado sobre a proposta de isolamento vertical, que é isolar somente a parcela mais vulnerável da população, disse que isso não se trata de proposta formalizada, não cabendo nem discussão, “porque não é uma proposta científica” (1:04:01).

Ressaltou que o tempo necessário para o desenvolvimento de uma vacina, no melhor dos cenários, é de um a dois anos (30:22). Considerando que a COVID-19 “satura o sistema de saúde muito rapidamente”, a saída é o isolamento social. Segundo Atila, o grande problema do Brasil é ter parado de financiar a ciência nacional, problema estrutural fundamental para entender o desastre das medidas de enfrentamento (35:04).

Decisões políticas acertadas serão exigidas no Brasil, “especialmente nas favelas, especialmente onde temos a população mais pobre que não tem condições de ficar sem trabalhar”. Complementou que não voltaremos para a economia de janeiro, “porque aquela economia não existe mais”, vamos ter outra forma de renda e de trabalho (42:22), pois “não tem como retomar a economia que existia antes”. Segundo ele, deveríamos estar nos “preparando para uma nova



economia, onde as pessoas não vão conseguir conviver tanto, se aglomerar tanto e vão ter que trabalhar remotamente” (50:00). O mundo que habitávamos antes não vai “voltar nem agora e nem depois”, pois “as pessoas vão mudar” (51:25).

Sobre cenário futuro possível, Atila mencionou que, caso em junho existam testes e equipamentos de proteção suficientes para os profissionais da saúde e máscara para as pessoas, talvez se consiga chegar a um relaxamento do isolamento social (43:56). Consciente do seu papel de lançar alertas, informou que, caso no futuro o cenário catastrófico chegue, será bom lembrar que “alertas não faltaram, faltaram ações”, afinal, quem “trabalha com epidemiologia já falava que poderíamos ter pandemias sérias, e essa não é uma pandemia séria”. Ainda em tom de alerta informou esperar que tal situação com a COVID-19 sirva de preparo para uma situação pior que possa vir no futuro (45:41).

Finalizando, disse que mesmo se fosse encontrada a droga perfeita para a cura da COVID-19, o que ainda não aconteceu, seria inviável pensar em mão de obra no mundo que fosse suficiente para produzir e distribuir em larga escala, para toda a humanidade, em período próximo (48:25). O enfrentamento dessa crise vai “mudar o nosso bem-estar”, será “um trauma coletivo muito grande (1:01:40).

4.3 O lockdown vem aí

A última *live* analisada neste trabalho é “O Lockdown vem aí #FiqueEmCasa”, apresentada em 03 de maio de 2020. Com 2.061.262 visualizações, sustentou medidas de enfrentamentos ainda mais sérias de isolamento social, o chamado *lock down*. Antes de entrar na temática chave da *live*, que era tratar do isolamento social, informou ser patente o enorme número de subnotificação, já que “os números já não condizem com a realidade” (0:28). Segundo ele, essa subnotificação era bastante complicada porque, quando não vemos o problema, parece que ele já se extirpou, contudo, a COVID-19 é um problema que ainda não foi embora e não irá, nem no Brasil e nem no restante do mundo (1:38).

Podemos interpretar essa *live* como uma retomada ou aprofundamento do alerta, especialmente porque, logo no início, Atila informou que as pessoas voltaram a circular, “como se nada estivesse acontecendo” e que o “preço por isso vai ser muito caro” (1:57). Disse que o relaxamento das medidas são coisas bastante sérias, colocando em risco os avanços obtidos no início da curva. Com a implementação da quarentena, houve controle dos óbitos, o que deu ao Brasil, comparativamente aos EUA e à Espanha, relativa vantagem (5:17). Contudo, agora (Figura 2) começamos “a crescer, a caminho do mesmo número de mortes diárias de Itália e Espanha”, e que espera que não sigamos o mesmo caminho dos EUA, contudo, acha difícil não chegar lá (6:11).



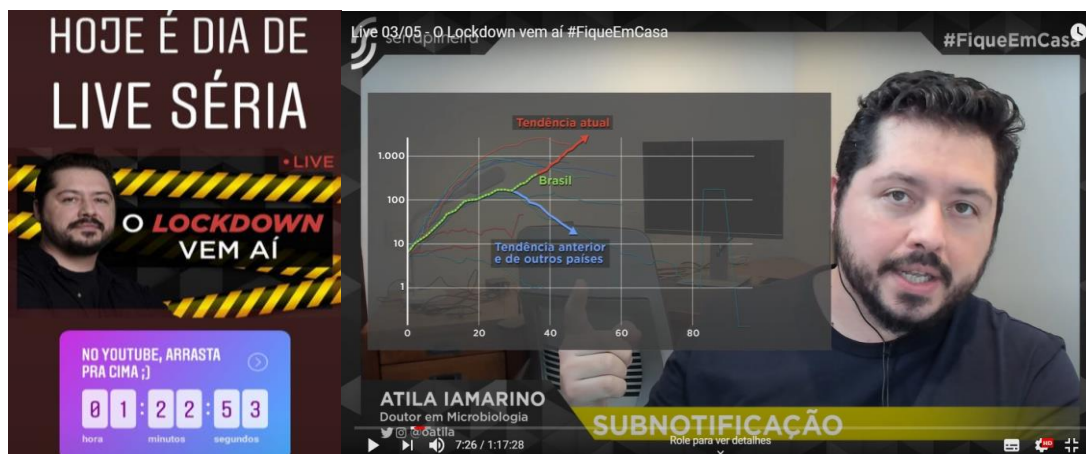


Figura 2: Divulgação da *live* do dia 03/05/2020 (à esquerda) e tendência atual (à direita)

Fonte: Pesquisa documental.

Segundo o Atila, caso tivéssemos caído em total de óbitos por dia, poderíamos estar discutindo medidas de relaxamento da quarentena, contudo, a tendência atual é de elevação (7:24). Apesar da pouca quantidade de testes, houve um crescimento muito rápido dos casos da COVID-19 (8:24). Informou que o Imperial College estimou o crescimento em cada país, alcançando o Brasil a pior taxa de crescimento dentre todos (9:53). No Brasil, cada doente infecta de 2 a 3 pessoas, sendo que, no caso da COVID-19, isso significa mais que o dobro de casos a cada 5 dias ou menos. O país “ruma para ser o país líder em número de novos casos, se conseguir registrar o número de óbitos”, sendo que os EUA estão no registro de 1000 (mil) óbitos por dia, contudo, em taxa de declínio de novos casos, enquanto o Brasil registra taxa de crescimento nos últimos dias (11:52), o que dá ao Brasil o pior cenário (12:05), “nós estamos terrivelmente pior” (12:53), retomando o que parece o começo da pandemia, com cerca de 2 a 3 infectados por pessoa infectada, fora o sério índice de subnotificação de 90%.

Segundo Atila, a subnotificação pode ser observada pelo aumento de letalidade por causas desconhecidas, aumento de internação de pessoas em hospital, problemas de síndromes respiratórias muito superiores ao esperado em parâmetros normais, o que leva a “no mínimo 5, talvez 10, 12 vezes mais casos dos que os registrados até agora”. (17:17).

Voltou a alertar sobre a insuficiência da quarentena praticada até então, pois, se tivesse sendo feita da forma correta, seriam esperados menos óbitos por semana e não mais, sendo que dessas mortes a mais, muitas não estão registradas ou diagnosticadas (18:53). Outra questão é quanto ao atraso dos dados do SUS, há quase dois anos sem serem feitos, dificultando uma medição em tempo real, tornando necessária a colheita dos dados das secretarias de saúde de cada localidade (22:42).

Em tom bastante grave e sério, Atila constatou que, “com base na subnotificação, nós estamos tropeçando nos corpos dos mortos sem saber quantos casos são” (25:03) e que, frente a esses problemas de notificação de óbitos por parte dos sistemas de saúde, os números carecem de confiabilidade e, possivelmente, são ainda maiores, já que as notificações ainda não ocorreram (26:55). Ele acredita que o problema do Brasil é que não está tendo testagem suficiente para ter um retrato real do que está acontecendo (33:24). No caso dos EUA, em Nova Iorque, 25% (vinte e

cinco por cento) das pessoas pegaram COVID-19, contudo, sem medidas de isolamento, esse problema seria 3 (três) vezes pior (40:18).

Sobre a imunidade de rebanho, Atila comentou que algumas pessoas acreditam que, quando chegar em 70% de infectados, a doença vai entrar em declínio, mas isso carece de base científica, inclusive, sequer se sabe se a imunização é permanente (44:20). Diante desse cenário, o melhor que pode ser feito é todo mundo ficar em casa, com distanciamento social, para parcelar esse 1 (um) milhão de mortes em 5 (cinco) mil por mês, até o aparecimento de uma vacina – a melhor saída para esse número de letalidade de 0,7% (zero vírgula sete por cento) não acontecer (51:17). Sem tratamento e sem vacina, tudo que resta é o isolamento social, que vai lidar meramente com o parcelamento dos casos (52:14).

Concluindo a *live*, Atila disse que no Brasil não dava pra seguir a realidade, por exemplo, da Finlândia e da Noruega. Aqui, o número de pessoas por casa é maior, assim como é maior o número de pessoas que não puderam se recolher em quarentena, por razões diversas (58:21). Finaliza dizendo que se o Brasil tivesse adotado uma quarentena mais séria, algumas regiões já poderiam pensar em relaxar as medidas de isolamento. Contudo, estamos encaminhando para um colapso total do sistema de saúde, o que fará com que, em breve, teremos que escolher quem terá atendimento de saúde e quem não (1:12:00).

4.4 O alerta e suas controvérsias

Desde o alerta inicial, Atila passou a ser endossado e criticado por diferentes atores, performando controvérsias em torno da projeções do número de infectados e mortos e, principalmente, do isolamento social (“fique em casa”). Mello (2019, p. 165) coloca que para “[...] entender o alcance de um argumento, a amplitude e a apreensão que ele conquista, se faz necessária a observação de como os atores atravessam diferentes conformações de arenas de discussão e de confronto”. Isto é, como o problema de constitui em diferentes arenas públicas nos termos de Cefaï (2009; 2017a; 2017b).

Além disso, é preciso verificar as restrições e facilitações das performances argumentativas dos atores (Mello, 2019). Verificamos isso a partir da recepção dos alertas de Atila em mídias, como vídeos, jornais e revistas (Quadro 1), e nos próprios comentários que as *lives* receberam na plataforma do YouTube (Quadro 2).

Tabela 2: Comentários selecionados na plataforma do YouTube nas lives de Atila

Comentários – Live Atila Iamarino – 20/03/2020

- ❖ “Obrigada pelo susto, precisávamos para entender... pena q nem todos entenderam... mas grata mesmo pela forma mega didática e fácil de entender xD.”
- ❖ “Você foi contestado com fatos, pelo Bernardo Kuster !! Reveja sua análise”.
- ❖ “Meu irmão a hora que tudo acalmar logo você vai ver o quanto vc ajudou na propagação do medo.....isso não serve.”
- ❖ “Valeu a tentativa, mais foi muito fora da real.”
- ❖ “Cara, foi o melhor esclarecimento que assisti até agora. Fico muito grato a você Atila. Assim que se faz.”
- ❖ “Blz, a solução pra não morrer de gripe é fechar tudo e morrer de fome depois. Uau”
- ❖ “Atila, que palhaçada de *live*, hein. Seu irresponsável.”



- ❖ “Eu tô apavorada. Tenho TAG, não durmo, não como, só consigo chorar... Deus tenha misericórdia.”
- ❖ “Discurso muito extremista.”
- ❖ “Muito bom, extremamente esclarecedor.”
- ❖ “Obrigado pelas suas informações alertando à todos da necessidade de permanecer em casa. Parabéns. Você tem credibilidade e propriedade em fazer essa *live*. Obrigado.”
- ❖ “Muito boa a explicação. Alarmante mesmo.”

Comentários – *Live* Atila Iamarino no Roda Viva

- ❖ “É pra ficar em casa só até morrer de fome heim kkkkk.”
- ❖ “Programinha sem vergonha, que se tornou medíocre;”
- ❖ “Entrevista ótima! Átila é muito lúcido! Parabéns!”
- ❖ “Atila Iamarino foi absolutamente brilhante. Tenho certeza que a despeito do tema tão grave, iluminou muitas pessoas e inspirou muitos jovens a seguir o caminho da ciência.”
- ❖ “Muito esclarecedor.... Excelente roda de diálogo.”
- ❖ “Átila é excelente!! Transmitiu muita informação séria, científica numa linguagem fácil e acessível à população brasileira.”
- ❖ “Entrevista rica e sensata, com um excelente profissional da área que realmente entende do assunto.”
- ❖ “Jesus volto e eu não sabia? É o fim do mundo? Causando pânico em tudo e em todos?”
- ❖ “Quando essa crise acabar, vcs vão pedir perdão pelo equívoco de vcs?”
- ❖ “Entrevista impactante, esclarecedora. O cientista é de alto nível e fala com muita clareza e equilíbrio. Parabéns a todos e muito obrigada.”
- ❖ “Tá aí o idiota que disse que teríamos milhões de mortes no Brasil ??? O que o gênio teria a dizer???”
- ❖ “Esse mentiroso já sabe que o estudo, no qual ele se embasou pra fazer o apocalipse dele, está errado de acordo com o próprio pesquisador quem fez?”

Comentário – *Live* o Lockdown vem aí

- ❖ “Que voltar a fechar o que??? Vc está doido... mesmo reabrindo os casos não estão subindo.... Estudos nos EUA indicam de 50 a 85 vezes a subnotificação.... Todos país que caiu significativamente é pela imunidade...É um crime o que vc tem feito.”
- ❖ “*Lockdown* tu faz na tua casa tá ok?”
- ❖ “O que ele vem dizendo desde o início está acontecendo...”
- ❖ “Muito obrigado, Atila! Belíssimo e necessário trabalho, embora tristes notícias...”
- ❖ “Teus vídeos são sensacionais!!! Continue com teus vídeos porque são super informativos e necessários nesse mundo de achismo.”
- ❖ “Fico desesperada... Deus nos proteja.”
- ❖ “Vídeo político!”
- ❖ “Simplesmente assustador.”
- ❖ “Eu até tento assistir essas *Live*, mas me dá uma Puta Depressão...”
- ❖ “Parabéns Átila... Uma pessoa consciente em meio a tantos sem noção...”
- ❖ “Ótimo vídeo. Suas análises são muito esclarecedoras. Obrigado por nos ajudar a compreender melhor o que estamos passando.”

Fonte: Elaborado pelos autores.

De forma geral, o alerta (*Live* de 20/03) provoca reações basicamente de espanto e desconfiança, muito por se acreditar que a realidade proferida se configura ainda muito distante do que os sujeitos estão vivenciando. Posteriormente, ao ser incorporado pela mídia, e ganhar uma visibilidade maior, o alerta ganha características cada vez mais plurais – como no programa Roda Viva. Espanto e desconfiança ainda permeiam as reações, mas dão lugar a manifestações mais favoráveis ao emissor, confiando crédito e verdade ao que foi dito. Em contrapartida, os incrédulos e contrários à tese se estabelecem como opositores hostis, negando a tese e a competência do locutor, acrescentando às suas negações uma suposta interferência da mídia, por se tratar de um veículo, na visão deles, repleto de discursos falaciosos e ideológicos. No alerta “o Lockdown vem aí #FiqueEmCasa” os desdobramentos políticos estão mais presentes e se configuram como ponto central na dinâmica do alerta. É importante perceber que em algumas

contestações o ponto central não é nem mais o conteúdo do alerta em si, mas os desdobramentos políticos que se estabeleceu em torno dela.

Para além dos comentários nas *lives*, houve diversas posições controversas ao alerta. No Twitter @JovemPanNews, em 27 de abril, aparece um comentário ilustrativo: “Atila Iamarino, que virou uma espécie de Greta Thunberg do vírus para os esquerdistas, recua no alarmismo e agora vê êxito do Brasil na luta contra a covid-19”. Bernardo P. Küster, em vídeo com 538.909 visualizações, fez uma resposta e chamou Atila de irresponsável. Em outro vídeo, Atila foi chamado de terrorista do “fica em casa” e acusado de estar fazendo um desserviço ao país (Quadro 1). E, no contexto atual, o alerta foi colocado em oposição aos direcionamentos do Governo de Jair Bolsonaro (HEIJI, 2020).

De forma geral, observamos que fatos científicos não são isolados de preocupações sociais e políticas (Rhodes & Lancaster, 2020), como bastante observado no caso da COVID-19. Portanto, fica evidente que os alertas, mesmo aqueles constituídos por objetos científicos, traduzem-se de forma controversa nas comunidades científicas e na vida social e política. Buscando contornar isso, Atila buscou em todo momento confirmar suas alertas por meio de um amplo arsenal científico: qualificação como doutor e com anos de estudos sobre vírus; indicação do seu currículo lattes para conferência da formação e qualificação; demonstrações gráficas (Figura 1 e Figura 2), apresentação de artigos científicos para fundamentar suas falas e, mais atualmente, realizar *lives* com outros especialistas (Drauzio Varella, Natalia Pasternak, Carlos Pompilio etc). Isso é feito para que o alerta seja recebido como objetivo (um perigo real). Mesmo assim o alerta performou-se em controvérsias diversas conforme a abordagem teórica indicava (Chateauraynaud & Torny, 1999; Chateauraynaud, 2017; Rhodes & Lancaster, 2020).

Outra questão fundamental foi tratada pelo próprio lançador de alerta no seu texto recente “Quando o sucesso cultiva o fracasso: Isolamento funciona e dá margem para perguntarem: ‘cadê os casos?’”, publicado na Folha de S.Paulo em 18 de maio de 2020 (IAMARINO, 2020). Ele traz a questão do “paradoxo da prevenção”, proposto em 1981, pelo epidemiologista Geoffrey Rose. No caso da COVID-19, Iamarino (2020) informa que se tratam dos questionamentos das pessoas sobre as medidas adotadas (isolamento social), em razão dos efeitos previstos não terem se concretizado.

O sucesso do isolamento [...] cultiva seu próprio fracasso. Previsões chocantes demandaram quarentena, as medidas foram adotadas e os casos deixaram de crescer. Um sucesso que dá margem para perguntarem: “Cadê os casos todos que estamos prevenindo?”. Cassandra dava previsões nas quais ninguém acreditava. Epidemiologistas dão previsões invalidadas por quem as leva a sério. São profecias autossabotadoras, como o bug do milênio. O mundo gastou bilhões resolvendo o problema e a virada foi tão tranquila que deu a impressão de que não era nada de mais (Iamarino, 2020).

No contexto europeu, isso também é destacado no caso da COVID-19 no texto *A strange paradox: the better we manage to contain the coronavirus pandemic, the less we will learn from it* (Boudry, 2020). Ele trata da desconfiança em torno das projeções quando as mesmas não se concretizam. Um processo em que os especialistas são acusados de propagar o medo e serem



profetas da desgraça (Boudry, 2020). Em mesmo sentido, a reportagem de Spinney (2020) mostra como o virologista alemão Christian Drosten também se preocupa com o “paradoxo da prevenção” – este pesquisador também vem sendo tratado como alarmista em suas falas (Spinney, 2020).

Giddens (2007) discute isso de forma muito interessante: a questão do alarmismo e da desconfiança quando as previsões não se concretizam. Para ele: “[...] o alarmismo pode ser necessário para reduzir os riscos que enfrentamos – contudo, quando surte efeito, a impressão que se tem é de que houve exatamente isso, alarmismo” (Giddens, 2007, p. 40). Na verdade, afirma o autor, foi o alarme que impactou na concretização das projeções. Daí o paradoxo máximo da pandemia: quanto melhor conseguirmos conter a pandemia do Coronavírus, menos aprenderemos com ela (Boudry, 2020) – e com os lançadores de alerta que evitaram que a catástrofe chegasse a um nível insuportável.

Finalmente, segundo Rhodes e Kari Lancaster (2020) as projeções, assim como outras métricas, funcionam para padronizar e estabilizar os objetos de saúde e, portanto, carregam em si elementos controversos e incertezas – que são recebidos pela população como desconfiança na previsão da ciência. Os modelos matemáticos e as projeções estão moldando políticas e preocupações públicas em diversos países (Rhodes, Lancaster, & Rosengarten, 2020; Rhodes & Lancaster, 2020). No entanto, o caso do governo brasileiro desafia estes resultados, dado que resiste à influência dos alertas (e aos dados, modelos, exemplos, casos, projeções mobilizadas nos alertas), inclusive, opondo-se frontalmente e abertamente as mesmas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi descrever de que forma um alerta público sobre a gravidade da COVID-19 teve ressonância no Brasil, performando controvérsias. Para tanto, seguimos os argumentos nos campos de forças em torno de um especialista, o professor Atila Iamarino, e como ele difundiu a medida do isolamento social. Atila buscou demonstrar a partir da sua argumentação que a COVID-19 era um risco amplo e que a medida do isolamento era necessária. Buscou que seus argumentos ascendessem em generalidade (Boltanski, 1990), isto é, que o alerta fosse compreendido e levado à sério por todos.

O pesquisador funcionou como uma Cassandra *a la* brasileira – para usar a noção de Clark e Eddy (2017) – alertando sobre a seriedade do contágio comunitário da COVID-19. Também é importante notar que os alertas são performativos, isto é, eles impedem ou promovem alguns tipos de ação coletiva em vez de outros. Mostramos que diversas oposições foram construídas ao alerta, em especial, repercutindo a projeção de mortes por COVID-19 como alarmista, exagerada e sem fundamento científico. Atila continua, no momento de finalização deste artigo, apresentando argumentos para reforçar seus alertas por meio de outras *lives* e também por meio do Twitter (@oatila).

Como limitação da pesquisa, indicamos que focamos mais na apresentação do alerta em si do que na descrição dos processos pelos quais um alerta ou uma crítica é levada a sério pelos diferentes atores e lhes permite transformar dispositivos, normas e instituições coletivas. Também não descrevemos de forma ampla como o governo brasileiro vem resistindo aos alertas e se



colocando em oposição às posições de especialistas e da própria OMS – elementos que podem ser explorados em pesquisas futuras. Além disso, indicamos uma breve agenda de pesquisas: (a) descrever os argumentos em controvérsias, que se desdobram no longo prazo e sua relação com jogos de força entre os atores e transformações institucionais em torno da COVID-19; (b) compreender como as concepções de ciência flutuam nas controvérsias em torno da COVID-19, em seus números, projeções e modelos matemáticos; (c) compreender como as estratégias adotadas (distanciamento social, bloqueio, quarentena etc.) foram construídas nas relações entre dados matemáticos e posições políticas controversas e permeadas por incertezas; e (d) descrever como vem sendo construído no Brasil as dúvidas e críticas às projeções e a desconfiança com os números. Essa desconfiança nos especialistas está presente também em outros países (Rhodes & Lancaster, 2020).

Lançadores de alerta, como Atila Iamarino, almejam que seus alertas sejam bem-sucedidos, isto é, ressoem em diferentes arenas públicas, alcançando mobilização política. Contudo, o grande paradoxo do lançador de alerta é que, apesar de desejar ressonância nas arenas públicas, deseja com a mesma força que os resultados nos modelos previstos falhem – do contrário, não seriam necessários os alertas e nem os seus lançadores. Por fim, deixamos com o lançador do alerta que mobilizou este artigo a palavra final:

E a gente tem que estar preparado pra saber o que vem por aí. E tem que estar disposto a enfrentar isso, e ficar em casa e fazer o possível para passar pelo que vem pela frente. Então, entenda isso como um recado, como um carinho pela vida, que é o que eu tenho, e como um aviso de quem quer ver a gente seguir o melhor caminho possível. Infelizmente, envolve restrição de movimento, mas é disso que a gente depende para continuar vendo todas as pessoas queridas que a gente tem ao nosso redor, porque a nossa realidade mudou. [...] A gente deve enfrentar tempos duros pela frente e tempos pesados. Esteja preparado e faça o possível para que daqui pra frente a gente tenha que enfrentar o mínimo necessário disso. Então, ficar em casa, é o melhor que a gente pode fazer para poder passar por isso. Eu não quero esperar as atitudes coletivas, eu não quero esperar as cidades declararem que ninguém pode circular, eu não quero esperar as empresas pararem de deixar as pessoas circularem pra gente ver o problema chegando pra aí aceitar que essa é a realidade. Eu estou dando para vocês todos esses números, todas essas predições para dizer que a gente já sabe qual é essa realidade, e que agora temos que escolher por qual caminho delas a gente vai. E como eu disse antes, a gente tem que escolher se a gente vai seguir pelo de fingir que não tem nada acontecendo e ter milhões de mortes ou se a gente vai seguir pelo caminho de aceitar que a realidade é essa agora e proteger essas vidas, e trabalhar coletivamente confiando uns nos outros, se informando, se cuidando para poder chegar lá na frente e passar por isso. Então, desculpa a conversa pesada de hoje. (Atila Iamarino, 20 de março de 2020).

6 REFERÊNCIAS

- Beck, U. (1992). *Risk Society: Towards a New Modernity*. Sage.
- Boltanski, Luc. (1990). *El amor y la justicia como competencias: tres ensayos de sociología de la acción*. Amorrortu.
- Boudry, M. (2020, april 2). *A strange paradox: the better we manage to contain the coronavirus pandemic, the less we will learn from it*. The Conversation. <https://theconversation.com/a-strange-paradox-the-better-we-manage-to-contain-the-coronavirus-pandemic-the-less-we-will-learn-from-it-135268>



- Brasil. (2020a). Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. *Coronavírus (COVID-19)*. <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46872-brasil-registra-177-589-casos-de-coronavirus-e-72-597-pessoas-recuperadas>
- Brasil. (2020b). Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. *Boletim Epidemiológico Especial COE-COVID-19*. <https://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2020/April/27/2020-04-27-18-05h-BEE14-Boletim-do-COE.pdf>
- Cefaï, D. (2009). Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. *Dilemas*, 2(4), 11-48.
- Cefaï, D. (2017a). Públicos, problemas públicos, arenas públicas...: O que nos ensina o pragmatismo (Parte 1). *Novos estudos CEBRAP*, 36(1), 187-213.
- Cefaï, D. (2017b). Públicos, problemas públicos, arenas públicas... O que nos ensina o pragmatismo (Parte 2). *Novos estudos CEBRAP*, 36(2), 129-142.
- Chatauraynaud, F., & Torny, D. (1999). *Les Sombres précurseurs: Une sociologie pragmatique de l'alerte et du risque*. EHESS.
- Chatauraynaud, F. (2017). Questões ambientais entre controvérsias e conflitos: ecologia política e sociologia pragmática na França. *Ciências em Debate*, 2, 14-40.
- Clarke, R. A., & Eddy, R. P. (2017). *Warnings: Finding Cassandras to Stop Catastrophes*. Harper Collins.
- Corrêa, D. S. (2014). Do problema do social ao social como problema: elementos para uma leitura da sociologia pragmática francesa. *Política & Trabalho*, (40), 35-62.
- Dewey, J. (1927). *The public and its problems*. Swallow Press.
- Duarte, C. P. (2020). Efeitos dos comunicados governamentais sobre saúde em tempos de pandemia nos alunos de 3os anos do ensino médio de Juiz de Fora. *Holos*, 36(5), 1-15.
- Giddens, A. (2007). *Mundo com descontrolo* (6a ed.). Record.
- Hirschfeld, K. (2020). Microbial insurgency: theorizing global health in the Anthropocene. *The Anthropocene Review*, 7(1), 3-18.
- Iamarino, A. (2020, may 8). Quando o sucesso cultiva o fracasso. *Folha de São Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/atila-iamarino/2020/05/quando-o-sucesso-cultiva-o-fracasso.shtml>
- Kucharski, A. J., et al. (2020). Early dynamics of transmission and control of COVID-19: a mathematical modelling study. *The Lancet Infectious Diseases*, 20(5), 553-558.
- Latour, B. (2012). *Reagregando o social*. Edufba.
- Lemos, A. (2013). *A Comunicação das coisas: Teoria ator-rede e cibercultura*. Annablume.
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2020). *Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)*. https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:COVID19&Itemid=875



- Rhodes, T., & Kari Lancaster, K. (2020). Mathematical models as public troubles in COVID-19 infection control: following the numbers. *Health Sociology Review*, 01-18.
- Rhodes, T., Lancaster, K., & Rosengarten, M. (2020). A model society: Maths, models and expertise in viral outbreaks. *Critical Public Health*, 20(3), 253-256.
- Silva, M. C. (2020). Descarte de máscaras nas imediações de equipamentos de saúde pública na pandemia do COVID-19 em Araguaína-TO. *Holos*, 36(5), 1-13.
- Spinney, L. (2020). Interview Germany's Covid-19 expert: 'For many, I'm the evilguy crippling the economy'. *The guardian*. <https://www.theguardian.com/world/2020/apr/26/virologist-christian-drosten-germany-coronavirus-expert-interview>
- Tarde, G. (1999). *Monadologie et sociologie*. Les Empêcheurs de marcherenrond.
- Venturini, T. (2012). Building on faults: how to represent controversies with digital methods. *Public Understanding of Science*, 21(7), 796-812.
- Williams, D. (2020). *De Wuhan para o resto do mundo: a linha do tempo do coronavírus*. <https://www.dw.com/pt-br/de-wuhan-para-o-resto-do-mundo-a-linha-do-tempo-do-coronav%C3%ADrus/av-52860657>

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

Alcântara, V. de C., Souza, A. P. L. de, Silva, J. N. da, Campos, A. C. (2021). Atila, o Lançador de Alertas: Constituição da COVID-19 como Problema Público no Brasil. *Holos*. 37(1), 1-21.

SOBRE OS AUTORES

V. DE C. ALCÂNTARA

Doutor em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Lavras (PPGA-UFLA). Professor e chefe do Departamento de Administração e Ciências Contábeis da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Unidade Cláudio. E-mail: valderidecastroalcantara@gmail.com
ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-6698-0609>

A. P. L. DE SOUZA

Mestra em Direito pela Faculdade de Direito do Sul de Minas (FDSM) e Doutoranda em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: ana.souza@professor.unis.edu.br
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7746-8168>

J. N. DA SILVA

graduado em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). E-mail: jnneri32@gmail.com
ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-7600-8020>

A. C. CAMPOS

Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), mestre em Administração também pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) e graduada em Administração pela Universidade Federal de Juiz de Fora – campus Governador Valadares (UFJF-GV). E-mail: alycecardosoc@yahoo.com.br
ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0001-6903-9542>



Editor(a) Responsável: Francinaide de Lima Silva Nascimento

Pareceristas *Ad Hoc*: ALCIDES SANTOS JÚNIOR E GUSTAVO MACIEL

